

BC 'empurra' dívida para próximo Governo

CRISTINA ALVES

Poucos fazem idéia de que a sua conta corrente remunerada é parte de uma complicada engrenagem chamada dívida pública interna. Muito menos relacionam isto com a política econômica a ser desenvolvida pelo novo Presidente da República. Pois bem. No próximo dia 20, para rolar esta dívida, o Banco Central colocará no mercado títulos públicos federais no valor de NCZ\$ 1,9 bilhão, com prazo de 273 dias para vencimento. Isto é, a serem resgatados na primeira semana do novo Governo. Estes papéis vão parar no **overnight** e remunerar até contas bancárias.

A proximidade do dia 20 já fez com que, há duas semanas, as instituições financeiras torcessem o nariz para as Letras Financeiras do Tesouro Nacional (LFTs) que eram colocadas no mercado pelo Banco Central. Com isso, acabaram exigindo um deságio (desconto) maior na compra dos papéis e embolsando um "prêmio extra", sob a alegação de que o novo Presidente poderá ordenar uma moratória interna. Só que a sucessão presidencial está longe de ser o principal fator de incerteza no mercado, como querem alguns. O mercado está de olho na retomada de altas taxas de inflação e na falta de cora-

gem política do Governo para cortar despesas.

A dívida pública interna representa hoje cerca de 20% do Produto Interno Bruto (PIB) e, de acordo com os últimos dados do Banco Central, os títulos em poder do público e na carteira do BC somam NCZ\$ 103 bilhões. O professor da Fundação Getúlio Vargas (FGV) John Harris garante que a dívida é pagável, desde que o Governo retome a capacidade de tributar e contenha a aceleração inflacionária cortando despesas. A partir daí, a fúria de emitir títulos para buscar recursos seria contida, entende o economista.

Segundo ele, a falta de credibilidade na política econômica do Governo Sarney pode fazer com que os investidores reduzam a procura por títulos públicos. Encurralado, o Governo poderia lançar mão do "calote" para não ter que honrar o pagamento da dívida com o resto do mercado. O Diretor da Dívida Pública do BC, Carlos Thadeu de Freitas, no entanto, não concorda com essa visão dos fatos.

— Os últimos leilões de títulos estão com uma demanda três vezes acima do normal. Até os bancos estrangeiros voltaram a comprar. Acontece que algumas instituições quiseram se beneficiar das incertezas da sucessão presidencial para faturar um ganho adicional.

O caminho da dívida pública interna

Quando as despesas do Governo superam a receita, só há duas saídas: emitir moeda ou títulos. A partir do momento em que o Governo opta pela segunda alternativa, começa o caminho da dívida pública interna. Os títulos emitidos pelo Tesouro são vendidos em leilões pelo Banco Central. Parte deles fica em carteira do próprio BC e o resto vai parar em instituições financeiras, que negociam os papéis entre si e com bancos, empresas, fundações e seguradoras.

